

Missão humanitária na Amazônia: cosmovisões indígenas e apropriação tecnológica¹

Denise Frigo ²

Hugo César Maciel ³

Este trabalho apresenta uma reflexão teórica e empírica sobre a relação entre tecnologia, cosmovisões indígenas e práticas comunitárias na Amazônia brasileira, a partir da experiência vivida em uma missão humanitária. A proposta dialoga com o campo da cibercultura e da antropologia da tecnologia, buscando compreender como as tecnologias digitais, longe de se apresentarem como instrumentos neutros ou universais, são ressignificadas por comunidades indígenas e ribeirinhas de modo a fortalecer suas identidades, memórias e espiritualidades coletivas.

O objetivo principal deste estudo é compreender de que modo as tecnologias digitais, quando apropriadas pelas comunidades indígenas e ribeirinhas, transformam-se em instrumentos de fortalecimento identitário, de preservação cultural e de resistência simbólica. Busca-se analisar como essas ferramentas são integradas a práticas coletivas e espirituais, tornando-se mediadoras entre o tradicional e o contemporâneo, e como essa apropriação pode contribuir para novas formas de compreender o papel social da comunicação e da tecnologia nos territórios amazônicos.

A reflexão se fundamenta em referenciais teóricos que entrelaçam cibercultura, antropologia da tecnologia e perspectivas decoloniais. Escobar (1994; 2016) é referência central ao defender que toda prática tecnológica é culturalmente situada, sendo reinterpretada conforme as ontologias locais.

¹ Trabalho apresentado no “Cosmovisões indígenas, povos tradicionais e apropriação tecnológica” do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutora em História, Universidade Federal de Santa Maria, denise.frigo@ufsm.br.

³ MBA em TV Digital, Radiodifusão e Novas Mídias de Comunicação Eletrônica, Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino, hugo.maciell@prof.fae.br.

Latour (2012) contribui com a Teoria Ator-Rede, que compreende humanos e não humanos em coletivos híbridos de agenciamento, rompendo com visões dualistas. Hall (2006) é essencial para compreender a identidade como processo dinâmico, relacional e político. Já Andrade (2023) enfatiza a cosmovisão indígena como um paradigma alternativo de desenvolvimento, baseado na integração entre técnica, espiritualidade e território. Essas bases teóricas, articuladas, oferecem um arcabouço capaz de sustentar uma leitura plural e ecológica da tecnologia.

A pertinência deste trabalho reside na urgência de reconhecer e valorizar os modos próprios de produção de conhecimento dos povos indígenas, frequentemente invisibilizados pelos paradigmas ocidentais. Analisar como essas comunidades amazônicas se apropriam de tecnologias digitais contribui para descolonizar o pensamento sobre inovação e desenvolvimento, revelando experiências que articulam ancestralidade, espiritualidade e técnica. Trata-se de um estudo relevante para o campo da comunicação, ao demonstrar que a tecnologia pode ser instrumento de justiça cognitiva, fortalecimento comunitário e preservação da diversidade epistêmica.

A missão humanitária, realizada em janeiro de 2025, na região do rio Andirá, território do povo Sateré-Mawé, reuniu profissionais da saúde, educadores e agentes sociais em um processo de troca intercultural que destacou formas próprias de organização e de expressão dos saberes locais. Durante a vivência, observou-se que a presença das tecnologias digitais – especialmente rádios comunitárias, redes móveis e aplicativos de mensagens – foi integrada às práticas culturais e espirituais, funcionando como mediadoras entre mundos distintos. Essas ferramentas, apropriadas de modo criativo, não se sobrepõem às tradições, mas as potencializam, compondo uma verdadeira ecologia de saberes que articula dimensões técnicas, simbólicas e rituais.

Inspirada na perspectiva decolonial proposta por Escobar (1994; 2016), a análise reconhece que toda tecnologia é culturalmente situada, sendo reinterpretada conforme os contextos sociais e ontológicos em que atua. Ao mesmo tempo, Latour (2012) contribui com a noção de redes híbridas, nas quais humanos e não humanos – pessoas, dispositivos, rios, florestas – coabitam em sistemas de agenciamento que produzem significados e interdependências. Essa leitura relacional e não dualista permite compreender as tecnologias não como opostas ao tradicional, mas como parte constitutiva das formas locais de existir, comunicar e resistir.

As contribuições de Andrade (2023) reforçam que as epistemologias indígenas propõem modos de vida integrados à natureza, nos quais o conhecimento e a técnica não se dissociam da espiritualidade e do território. Nessa lógica, o rádio comunitário, o celular e a internet tornam-se extensões da coletividade, expressando o que Escobar (1994) chamou de “cyberias plurais”: espaços nos quais os sujeitos locais produzem suas próprias redes de sentido e suas narrativas de mundo.

Ao mesmo tempo, Hall (2006) lembra que a identidade cultural é um processo dinâmico, constituído na tensão entre tradição e mudança. As práticas comunicacionais observadas na Amazônia confirmam essa ideia, pois revelam um movimento contínuo de reinvenção identitária, em que o digital é incorporado como linguagem e estratégia política de afirmação.

A Rádio Sateré-Ty FM 87.9, conduzida por comunicadores indígenas, é um exemplo emblemático dessa apropriação tecnológica. Transmitindo em língua Sateré-Mawé, a emissora funciona como território simbólico de resistência e pertencimento, conectando dezenas de comunidades ao longo do rio Andirá.

Durante a missão, observou-se que sua atuação ultrapassa o papel informativo: a rádio é também um espaço espiritual, onde a palavra circula como gesto de cura e afirmação cultural. Ela traduz o que Latour (2012) define como agenciamento coletivo, no qual tecnologias e seres humanos se entrelaçam na produção de mundos comuns. Como evidenciado no documentário “A Voz da Floresta” (MACIEL, 2025), a experiência radiofônica se consolida como um instrumento de soberania comunicativa, preservando a língua originária, as narrativas ancestrais e os rituais de fortalecimento comunitário.

A análise das práticas comunicacionais na missão revela ainda a relevância de compreender a tecnologia a partir das cosmologias indígenas, que concebem o mundo como uma totalidade viva e interconectada. A tecnologia, nesse contexto, não é algo que vem de fora, mas um elemento que se incorpora aos modos de vida.

Esta integração desafia o imaginário ocidental que opõe natureza e cultura, razão e espiritualidade, material e simbólico. A ecologia de saberes emergente na Amazônia mostra que o digital pode coexistir com o ancestral, ressignificando a modernidade técnica a partir de perspectivas locais e éticas voltadas à preservação da vida.

Do ponto de vista metodológico, a reflexão se apoia na observação participante e em registros de campo produzidos durante a missão, privilegiando a escuta ativa e o diálogo horizontal com as comunidades. Entende-se que a pesquisa é também uma forma de cuidado, na medida em que se insere em um contexto de respeito às epistemologias indígenas e de reconhecimento de suas formas próprias de produzir conhecimento.

O envolvimento direto com as práticas comunicacionais e espirituais permitiu compreender que a apropriação tecnológica não é um fenômeno meramente instrumental, mas profundamente relacional, envolvendo dimensões afetivas, éticas e cosmológicas.

As constatações obtidas indicam que as tecnologias digitais, quando apropriadas segundo as cosmovisões indígenas, tornam-se ferramentas de continuidade ancestral e de resistência cultural. Elas são mediadoras entre o visível e o invisível, entre o técnico e o sagrado, revelando que inovação e tradição podem coexistir sem hierarquia.

A presença do rádio, dos celulares e das redes digitais na vida cotidiana das comunidades amazônicas demonstra que é possível reinventar o uso das tecnologias a partir de princípios comunitários, cooperativos e espirituais. Assim, o digital deixa de ser um território homogêneo e passa a ser um campo de produção de diferenças, no qual se expressam múltiplas formas de viver, comunicar e existir.

A missão humanitária na Amazônia constitui um espaço privilegiado para compreender a relação entre tecnologia e diversidade epistêmica. A escuta das comunidades indígenas e ribeirinhas revela que o futuro digital pode ser também um futuro ancestral, fundado na reciprocidade, na coletividade e na defesa dos territórios da vida.

Pensar as tecnologias a partir das cosmovisões amazônicas é também repensar o próprio conceito de humanidade, recolocando o cuidado, a memória e a espiritualidade no centro das práticas comunicacionais. A experiência vivida aponta para a necessidade de políticas e projetos de comunicação comprometidos com a justiça cognitiva e com a valorização das vozes que, por séculos, sustentam a floresta e seus mundos.

Palavras-chave: Rádio; cosmovisões indígenas; apropriação tecnológica.

Referências

A VOZ DA FLORESTA: uma rádio no coração da Amazônia. Direção: Hugo César Maciel. YouTube: Canal Eu quero muito saber, 2025. 3ª temporada. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b69TUFnVcqW>. Acesso em: 1 ago. 2025.

ANDRADE, G. C. A. A cosmovisão indígena e sua contribuição para um novo conceito de desenvolvimento. IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS), v. 28, n. 3, p. 29–34, 2023.

ESCOBAR, A. *Welcome to Cyberia: notes on the anthropology of cyberculture*. Current Anthropology, v. 35, n. 3, p. 211–231, jun. 1994.

ESCOBAR, A. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (org.). Políticas etnográficas no campo da cibercultura. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Letra d'Água, 2016. p. 21–66.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LATOUR, B. Reagregação do social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA, 2012.